

A IMAGEM DO ARTISTA: A FOTOGRAFIA DOS ARTISTAS VISUAIS NAS PÁGINAS DO JORNAL CORREIO DE UBERLÂNDIA

João Paulo de FREITAS

Universidade Federal de Uberlândia – UFU

joaopaulodefreitas@hotmail.com

Resumo: Este artigo expõe os principais problemas teórico-metodológicos que orientam pesquisa em desenvolvimento no Programa de Pós Graduação em Arte da Universidade Federal de Uberlândia – UFU e tem como tema a representação fotográfica de artistas visuais no caderno *Revista* do jornal *Correio de Uberlândia* no período de 1993 a 2003. No texto são destacadas as formas como as imagens, principalmente fotográfica, tem sido negligenciada nos estudos sobre a representação social dos artistas, sugerindo que no processo de distinção que apresenta os artistas como indivíduos singulares, geniais ou mesmo místicos a forma como o artista é representado visualmente cumprem um papel fundamental. Como metodologia, desenvolve duas frentes de investigação, uma centrada na análise do texto visual das fotografias nas páginas do periódico em que são analisadas as características específicas destas imagens, o processo de construção e articulação entre os signos verbais e visuais bem como as similitudes e diferenças entre os trabalhos dos diferentes fotógrafos que atuaram no período. Uma segunda abordagem ancora-se nos usos sociais da fotografia através do estudo específico do gênero do retrato fotográfico tentando realizar uma leitura interpretativa dos fenômenos destacados nas leituras formais.

Palavras-Chave: Retrato de Artista; Arte e Mídia; Arte e Sociedade.

1 - Introdução

No campo das artes visuais a imagem de um artista pode ser tão importante quanto a imagem de seu trabalho. Com o crescimento do mercado cultural, o desenvolvimento dos meios de comunicação e a formação de uma cultura cada vez mais mediada pela imagem, a forma como o artista é “visto” no cinema, na televisão ou na mídia impressa passou a representar um fator determinante como forma de distinção entre diferentes e destaque. Em um contexto em que ser reconhecido como um indivíduo de personalidade “genial” ou “geniosa” pode agregar valor ao artista e sua obra, a imagem tem papel fundamental.

Já se destacou as formas como determinadas narrativas biográficas sobre a vida de artistas colocam estes indivíduos em uma verdadeira comunidade de gênios, com características e trajetórias de vida que os diferenciam dos demais membros da sociedade¹. A partir desta questão e considerando a importância e o poder da imagem, ainda parecem raras as análises sobre a forma como a representação dos artistas através das imagens pictóricas, fotográficas e cinematográficas se relacionam com a tradição da construção heróica dos artistas.

¹ Ernst Kris; Otto Kurz, *Lenda, Mito e Magia na Imagem do Artista*, Lisboa, Editora Presença, 1988.

Elegendo como objeto de estudo a representação visual dos artistas na mídia impressa o campo de estudos será evidentemente o da imagem fotográfica, mesmo que em determinados momentos seja necessário um diálogo com a representação visual dos artistas no cinema, na televisão ou mesmo com toda a tradição pictórica. Aqui cabe caracterizar as especificidades das imagens fotográficas da mídia que como destaca Boris Kossoy² não representam um original mais sim um objeto-imagem de segunda geração e que em função da multiplicação de conteúdo caracteriza um instrumento de disseminação histórico-cultural.

Entendendo as fotografias como representações simbólicas, um exame dos códigos visuais das imagens de artistas poderia fornecer elementos para uma leitura crítica sobre as formas de construção, manutenção ou transformação de determinados estereótipos sobre a figura do artista no imaginário dos leitores. O estudo do gênero do retrato fotográfico pode fornecer pistas importantes sobre os precedentes históricos, estéticos e ideológicos que direcionam a representação do artista, pois poucos gêneros da fotografia agregam com tanta força artifícios que buscam conjugar normas sociais e psicológicas e conferir aos indivíduos uma consciência social como destacou Annateresa Frabis³.

Para realizar esta análise vários caminhos metodológicos podem ser empregados. Contudo em um primeiro momento seria essencial desenvolver uma leitura formal das imagens. O método escolhido nesta fase, parte da análise semiótica das fotografias, pois tem se verificado que esta teoria consegue dar conta de uma ampla categoria de signos por ter um caráter universal o que nos interessa principalmente em se tratando das imagens da mídia.

Outro aspecto relevante desta teoria tem sido o de elucidar a articulação entre as imagens e textos nas matérias jornalísticas sobre artistas ao destacar a complementaridade entre imagem e linguagem escrita. Abolindo a priori uma falsa oposição imagem/ linguagem, na teoria semiótica: “a linguagem não apenas participa da construção da mensagem visual, como a substitui e até a completa em uma circularidade ao mesmo tempo reflexiva e criadora.”⁴

Outra possibilidade de discussão da representação fotográfica dos artistas visuais na mídia impressa corresponde à leitura das ideologias tácitas ou explícitas presentes nas representações e nos usos sociais da fotografia. Neste contexto uma análise crítica inserida no campo social da arte poderá destacar normas e relações sociais que se estabelecem a partir da imagem dos artistas apresentadas pela mídia. Neste sentido, nossa investigação sobre arte e artistas desloca-se dos objetos e das imagens ditas “artísticas” e se voltam para as visualidades “menores” do cotidiano.

1.1 - O retrato fotográfico dos artistas na mídia impressa, aspectos sociais

Em 1950 o fotógrafo Hans Namuth realizou um ensaio fotográfico para a revista *Art News* que viria a se tornar célebre. Nestas imagens era possível observar o pintor Jackson Pollock trabalhando em seu ateliê, no ato de execução de suas ‘action painting’. Para a crítica Rosalind Krauss o ensaio fotográfico de Namuth representava um verdadeiro texto crítico sobre a produção de Pollock, pois: “Tanto na imaginação do grande público como da crítica, as fotografias deste gestual tiradas por Namuth foram, portanto associadas aos quadros e se

² Boris Kossoy, *Fotografia e História*, São Paulo, Ática, 1989, p. 26-27

³ Annateresa Frabis, *Identidades Virtuais*, Belo Horizonte, Editora UFMG, 2004, p. 15

⁴ Martine Joly, *Introdução à Análise da Imagem*, Campinas, Papirus, p.11.

transformaram em um pedaço desta “vida”, desta “biografia” que as obras arrastavam atrás de si”.⁵

Na atualidade a imagem de artistas tem abundado em publicações especializadas em cultura e artes. Este fato estaria relacionado à grande inserção da imagem na cultura contemporânea, mas também a um progressivo crescimento e popularização de um mercado cultural no país. Contudo muitos destas imagens parecem não se aterem ao mesmo caráter crítico que o ensaio de Hans Namuth instigou em Rosalind Krauss, sendo mais perceptível nestas imagens a vontade de promoção ou distinção dos artistas em um movimento que nada tem a ver com sua obra ma centra-se especialmente na figura do artista.

Um exemplo significativo deste fenômeno no Brasil pode ser visto na revista *Bravo*⁶ da editora *Abril*. Este periódico publica constantemente edições especiais intituladas *Retrato do Artista* em que uma revista inteira dedica-se a apresentar reproduções de fotografias de músicos, escritores, atores, artistas plásticos. O sucesso editorial obtido com algumas destes especiais levou recentemente o editorial da revista *Bravo* dedicar uma seção exclusiva com retratos de artistas no interior do periódico mensal.

A seção *Retrato do Artista* da edição mensal da *Bravo* apresenta algumas características peculiares em relação ao especial *Retrato do Artista* das edições especiais. Construindo de forma narrativa, as imagens da seção são acompanhadas de legendas que descrevem os elementos visuais das imagens tentando destacar a importância e a relação destes fragmentos com o universo criativo e afetivo dos artistas.

Nas imagens da revista é possível observar uma variação que parte de fotografias do interior da casa, dos cômodos e de outros locais de afeto dos artistas, quase sempre se destaca ‘o local de trabalho’ como o mais especial. São também destacados nas imagens inúmeros objetos singulares que compõem o ‘universo particular’ dos artistas bem como antigos trabalhos ou estudos para trabalho futuros.

O que se observa é que as escolhas na construção destas imagens pautam-se pela vontade de criar um universo ímpar para o retratado. Evidentemente a seleção dos locais e objetos “especiais” do artista vão além dos inúmeros objetos comuns a todas as residências, mas se concentram em escolhas pontuais sobre aqueles que podem atestar, na imagem, a singularidade do artista retratado.

Fenômeno deste tipo não pode ser isolado de determinados aspectos socioeconômicos bem pontuais da cultura midiática e do mercado de bens culturais da atualidade. Parte deste processo é assim destacado por José Carlos Durand:

Como resultado da implantação do *marketing* editorial, vários gêneros da cultura erudita foram popularizados em fascículos. Esses novos produtos culturais tornaram-se possíveis não apenas por haver contingentes com poder aquisitivo e condições de leitura na escala industrial mínima exigida pela economia do setor, mas sobretudo porque a diversificação do parque produtivo tornava propício o lançamento de revistas cujas especialidades favorecessem a propaganda de produtos e serviços consumidos pelo mesmo

⁵ Rosalind Krauss, *O Fotográfico*, Barcelona, Gustavo Gili, 2002, p. 97.

⁶ Publicação especializada em arte e cultura da editora Abril.

segmento de público, como é o caso típico das roupas e objetos de decoração anunciados nas revistas femininas.⁷

1.2 – Os retratos de artistas na cidade de Uberlândia

Na cidade de Uberlândia existem poucas publicações especializadas em arte e cultura, sendo que as poucas existentes estão invariavelmente inseridas no âmbito acadêmico dirigida a um público específico.

Com um alcance maior, podemos citar o periódico *Correio de Uberlândia*⁸ que desde 1993 disponibiliza um caderno especializado em cultura intitulado *Revista*. Este caderno apresenta diariamente notícias relacionadas ao teatro, cinema, música, literatura e também a aspectos da história e do cotidiano da cidade de Uberlândia.

O crescimento do mercado cultural pode ser visto como umas das causas do surgimento e do desenvolvimento deste tipo de publicação. A cobertura de eventos artísticos e culturais que até então dividia as páginas com as reportagens sociais⁹ passaria a exigir um corpo editorial mais especializado o que nos anos 90 culmina na criação do caderno *Revista*, um espaço destinado a arte e cultura no mais famoso periódico da cidade.

Neste contexto o desenvolvimento da tecnologia também tem um papel determinante e não pode ser ignorado. O avanço das tecnologias eletrônicas e digitais tornava mais fácil e barato o processo de captação, impressão e editoração dos jornais e das imagens. Ampliando assim as possibilidades gráficas e conseqüentemente ampliando os campos de atuação editorial do periódico.

Analisando as edições do jornal em seus principais momentos de evolução técnicas é visível o progressivo crescimento e melhoria na qualidade das imagens do periódico como um todo e que a partir dos anos 90 tinha condições materiais suficientes para a criação de um caderno rico em imagens como o *Revista*. O emprego e a qualidade de imagens sejam reproduções de obras artísticas ou retratos de artistas passa a ser determinante na configuração do caderno *Revista* o que eleva também quantitativamente a presença das fotografias.

Falar de fotografias sem falar de fotógrafos é impossível. Assim esta pesquisa inevitavelmente tenta dar conta de um grande número de profissionais que durante os dez anos destacados para estudo atuaram como fotógrafos tanto do caderno *Revista* quanto de outras seções do jornal. Até o momento já foi possível identificar oito diferentes profissionais e o número certamente aumentará à medida que a pesquisa se aproximará dos anos 2000.

Como esta grande variedade de fotógrafos era grande, o que poderia comprometer uma abordagem mais próxima dos processos individuais de criação de imagens de cada

⁷ José Carlos Durand, *Arte, Privilégio e Distinção: artes plásticas, arquitetura e classe dirigente no Brasil – 1855/1985*, São Paulo, Perspectiva, 1989, p. 178-179.

⁸ Fundado em 1938 e adquirido em 1986 pelo grupo Algar, por meio da Algar Mídia, que por ter o controle acionário do jornal o mantém até os dias atuais. Em 1993 depois de uma série de inovações gráficas o jornal passa a contar com um caderno especializado em temas ligados ao cotidiano, as artes e a cultura intitulado *Revista*. Idealizado por Gleides Pamplona e Maurício Ricardo o caderno apresenta diariamente a programação cultural e artísticas da cidade destacando temas sobre literatura, artes visuais e cênicas, musica, história entre outros.

⁹ De fato, mesmo com o advento do caderno *Revista*, ainda é possível verificar uma proximidade muito grande entre o jornalismo social e o cultural no interior do jornal *Correio*. Artistas que em uma edição são apresentados nas matérias do caderno revista em edições posteriores invariavelmente aparecem na seção social.

profissional fica difícil, desta forma a escolha sobre a eleição de imagens para análise foi feita por amostragem, ou seja, pela eleição precisa de determinadas imagens de cada fotógrafo.

Estas análises iniciais demonstraram que as imagens do caderno *Revista* apresentam determinados padrões formais de construção. Este fato, ainda em estudo, poderia sugerir uma possível orientação, norma ou estilo na forma de representar os artistas visuais. Ainda não é possível dizer se esta orientação parte de algum desígnio editorial do caderno ou do jornal ou se dialogam com alguma tradição representativa da figura do artista. Se a hipótese de orientação na forma de representar parece arbitrária cabe ressaltar que a fotografia pode esconder por trás de sua pretensa objetividade e transparência um conteúdo ideológico implícito neste sentido tentar desvendar quais os conteúdos tácitos pode ser um caminho possível.

Para além de um caráter mágico ou mitológico a imagem socialmente construída do artista na cultura contemporânea é forjada em maior ou menor grau através de acordos tácitos ou explícitos entre diferentes sujeitos, instituições e sistemas ligados à arte. Sua perpetuação como forma de distinguir os artistas no meio social e no mundo do trabalho parecem garantidas pelo mercado, pela mídia especializada e pelo próprio ensino formal das artes. Neste conjunto cumprem papel determinante as formas de representação visual dos artistas responsável pela formação da imagem destes no imaginário social.

3 – Considerações Finais

A partir dos exemplos destacados até aqui pretendemos demonstrar como o retrato de artistas contribui para a construção e representação social do artista. Ser retratado por um jornal ou revista especializada em artes, principalmente para os jovens artistas, significa estar em uma vitrine que de certa forma marca o momento que o estudante passa a ser reconhecido socialmente como artista.

Como destacou Gisèle Freund¹⁰, a relação entre as formas simbólicas e a sociedade tem na fotografia um campo vasto de exemplos em especial a partir do gênero do retrato que, usado como forma de representar os diferentes tipos e classes sociais, retratou aqueles que buscavam distinção entre as demais, chegando mesmo a representar um ritual que marcava a ascensão social dos indivíduos.

Se o sistema social da arte é tão complexo, uma das formas de identificar e analisar as relações, tensões e conflitos que se formam entre os diferentes grupos no campo da arte, talvez seja tentar entender estes sistema operando no interior de suas práticas. Neste sentido as representações visuais dos artistas através da fotografia e do retrato desempenham papel fundamental na construção e demarcação dos lugares do artista no interior deste sistema.

4 – Referenciais Bibliográficos

DURAND, José Carlos. **Arte, Privilégio e Distinção:** artes plásticas, arquitetura e classe dirigente no Brasil – 1855/1985. São Paulo: Perspectiva, 1989.

FRABIS, Annateresa. **Identidades Virtuais.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

¹⁰ Gisèle Freund, A fotografia como Documento Social, 2006, p. 13

FREUND, Gisèle. **La fotografia como documento social**. Barcelona: Gustavo Gili, 2006.

JOLY, Martine. **Introdução à Análise da Imagem**. Campinas-SP: Papirus, 2005.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1989.

KRAUSS, Rosalind. **O Fotográfico**. Barcelona: Gustavo Gili, 2002.